

ENTRE SENA E MUTARARA

11/8/87

SABOTADA A MAIS LONGA PONTE DO CONTINENTE

por Paul Fauvet

A ponte ferroviária sobre o rio Zambeze, que separa as vilas de Sena, Sofala, e Mutarara, em Tete, no

centro de Moçambique, tem a reputação de ser a mais longa de toda a África.

Ao longo dos seus cinco quilómetros passavam comboios, transportando carvão das minas de Moatize, na província de Tete, para exportação, e outras mercadorias de e para

Notícias iniciais indicavam que a ponte havia sido destruída pela artilharia moçambicana durante a recaptura de Sena e Mutarara em Fevereiro deste ano. Uma Inspeção à ponte feita recentemente mostrou que isto era mentira: a ponte foi cuidadosamente explodida para o interior do rio. Um obus não teria tido efeito igual.

Oficiais de segurança moçambicana

do Malawi para os distritos da margem sul do Zambeze por aquela via.

Apesar das roturas as pessoas que pretendem passar de uma para a outra vila fazem-no caminhando sobre as ruínas da ponte. Eu próprio e três outros jornalistas moçambicanos decidimos seguir o exemplo.

Um oficial moçambicano em Sena explicou-nos que levaria muito tempo a organizar um barco para nos levar

cuidadosamente, continuamos o caminho. Uma placa estreita de madeira liga a extremidade da ponte aos destroços, num prolongamento de aproximadamente um metro sobre a água e só depois de passar sobre esta placa é que se alcança o resto da ponte.

Continuamos a nossa viagem sobre a parte não destruída da ponte até ao segundo ponto da sabotagem. Uma experiência ainda mais arrepiante.

Aqui não há escada. Tínhamos que trepar outra vez a separação metálica entre a passadeira e a linha e caminhar sobre as travessas da linha. Havia depois um espaço vazio que era preciso atravessar. Cinco metros abaixo da ponte correm as águas rápidas e ameaçadoras do rio.

Uma conversa tida um pouco antes com um residente local não conseguiu tranquilizá-me.

— Haverá crocodilos nesta parte do rio? — Perguntámos.

— Concerteza que sim.

— Comem pessoas?

— Às vezes.

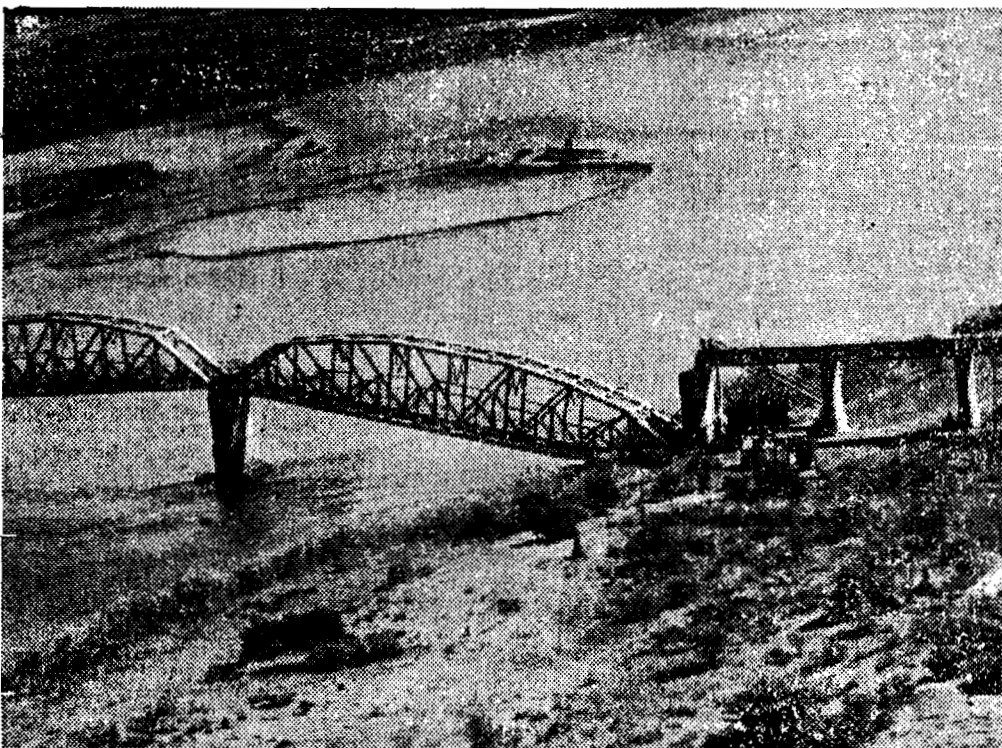
Mas não podíamos recuar. Atravessámos o espaço e começámos a parte mais horrível da viagem — a descida para a margem norte do rio. A ponta da linha férrea sabotada tomou sobre a margem do rio. A linha inclina-se num ângulo agudo para se apoiar na margem. Os viajantes, muito calmamente, devem descer, pisando as travessas de madeira, velhas e algumas destruídas pela explosão. Estas travessas parecem inseguras e, para meu horror, algumas delas moviam-se debaixo dos meus pés.

Entre cada uma das travessas há um intervalo e é impossível o transeunte não olhar para baixo e ver a água.

Espero não voltar a fazer esta horrível viagem (pelo menos antes da reparação da ponte) mas camponeses, descalços, atravessam a ponte com a maior descontração. Algumas mulheres, caminhando sobre as travessas ou trepando a débil escada metálica, fazem-no carregando coisas à cabeça e bebês ao colo. Fomos informados que ninguém ainda caiu no rio.

A ponte não é a única infra-estrutura destruída em Mutarara. O pequeno aeródromo foi seriamente danificado. Os bandidos armados cavaram profundos buracos em cada dez metros da pista. Os produtos alimentares para as duas vilas são descarregados por avião em Sena. Depois alguns são levados em pequenas canoas, mas a maior parte dos produtos para Mutarara são transportados pelos camponeses a pé sobre a ponte sabotada.

Mesmo os funcionários superiores locais arriscam-se a andar sobre a ponte. No nosso regresso a Sena, uma das pessoas, com quem nos cruzámos, era o administrador de Mutarara.



Vista parcial da ponte sobre o rio Zambeze, em Mutarara, destruída pelos bandidos armados. (Foto de Victor Marão)

o Malawi, um dos países da região sem saída para o mar.

Hoje nenhum comboio passa: a linha está efectivamente encerrada ao tráfego internacional desde que, em 1984, foi sabotada pelos bandidos armados.

Mas a mais importante sabotagem registou-se em Novembro último quando os bandidos, que tinham, temporariamente, tomado o controlo de Sena e Mutarara, cortaram a ponte em dois lugares.

Os arcos desabaram junto a ambas margens do rio e, certamente que a sua reparação levará muito tempo.

na disseram à AIM que, quando os bandidos armados cortaram a ponte obrigaram as populações a abandonar as redondezas. Ninguém conseguiu ver as pessoas que minaram a ponte, suspeitando-se que a sabotagem tenha sido feita por brancos sul-africanos.

A extensão da sabotagem da ponte levou muito tempo a ser conhecida na Beira e em Maputo. Em Março, cinco meses após a sabotagem, funcionários na Beira consideravam ainda possível a circulação de comboios através da ponte e disseram à AIM que esperavam transportar alimentos

para Mutarara e melhor seria utilizar a ponte. «A ponte está destruída mas a pé passa-se» — disse ele com aquele optimismo alegre que encontramos amiúde no Exército moçambicano.

A viagem de facto é arriscada. No local onde a ponte foi sabotada ao lado da margem sul do rio, as passadeiras laterais à linha férrea ficaram interrompidas. Tínhamos que manobrar sobre a separação metálica, entre a passadeira e a linha férrea, e apoiarmo-nos no topo de um dos pilares da ponte. Na descida do pilar, vai-se por um débil escadote de ferro, amarrado aos escombros da parte fracturada da ponte, por arames, pelo Exército. No fundo da escada há escombros metálicos, resultantes da explosão, sobre os quais,